MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

FURG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
RS-BRASIL

UFMS

CADERNO PEDAGÓGICO
MÓDULO II

Ecoinfâncias
grupo de estudos e pesquisas

GEPI
Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias

Ateliê
Grupo de Estudos em Narrativas, Cotidianos e Formação de Professores

Produção deste material didático: Narjara Mendes Garcia, Ângela Adriane Schmidt Bersh, Hardalla Santos do Valle, Alexandre Cougo de Cougo, Sarah Lima Mendes, Lindsey Machado de Oliveira, Luana Santos da Silva, Daniel Sperling e Zélia de Fátima Seibt do Couto

Coordenação geral:
Narjara Mendes Garcia, Ângela Adriane Schmidt Bersh, Hardalla Santos do Valle e Alexandre Cougo de Cougo

Equipe de apoio à coordenação geral:
Lindsey Machado de Oliveira
Luana Santos da Silva
Daniel Sperling
Zélia de Fátima Seibt do Couto

Coordenação de tutores:
Sarah Lima Mendes

Equipe técnica:
Daniel Sperling

Design da logomarca do curso:
Vitor Saquete Rodrigues

Design e edição deste material didático:
Hardalla Santos do Valle
Zélia de Fátima Seibt do Couto

Texto e revisão deste material didático:
Narjara Mendes Garcia e Hardalla Santos do Valle

Apoio e financiamento: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI-MEC)

Módulo II - CorpoNatureza e a formação de professores/as nos territórios

Narjara Mendes Garcia (FURG)
Hardalla Santos do Valle (UFPEL)

A Educação Infantil Ambiental preconiza a maior visibilidade sobre a pluralidade das infâncias em seus territórios, em que a diversidade é uma das riquezas de se sentir parte de um coletivo que comunga nos mesmos contextos ecológicos. O processo educativo visa a reconexão com os outros seres, a valorização da ancestralidade e a construção de um projeto social contra colonial brasileiro e latino-americano. Fazer parte de um lugar e contribuir para a sua proteção e valorização é um dos princípios dessa proposta educativa.

A criança enquanto sujeito social vivencia os conflitos e as esperanças de estar em um mundo em constante mudança. Carrega na sua constituição os dilemas e fragmentações provocados pela Modernidade (natureza e cultura, corpo e mente, razão e emoção). São sujeitos que enfrentam no seu cotidiano as injustiças sociais, as mudanças climáticas e a ruptura entre a consciência/ conhecimento e o sentido ético-estético de coexistir no território. Apesar do alto estímulo e da "enxurrada" de informações que recebe diariamente, são raros os momentos que essa percepção mobiliza um sentimento de pertencimento ao lugar de vida. Com a intenção de alterar esses processos de fragmentação e disruptura social, a Educação Infantil Ambiental é um movimento educativo que parte de experiências corporais e culturais de ser-viver-sentir a infância plural como parte de um coletivo local e global.

Dessa forma, a promoção de uma Educação Ambiental que concilia e provoca experiências mobilizadoras de sentir-se parte desse mundo, como sujeito que pode agir e transformar a sua realidade desde a sua existência no mundo. A criança é esse sujeito com potencial de tencionar, pertencer, proteger e mobilizar novos modos de vida no seu território. Essa compreensão difere do que a Modernidade tentou inculcar enquanto modelo social de infância idealizada, ou seja, uma infância consumista, disciplinada, incapaz e apenas reprodutora de comportamentos.

O processo de formação continuada de professores/as da Educação Infantil, na perspectiva ambiental, provoca a refletirmos sobre como nós adultos/as percebemos e abordamos as crianças no contexto social e institucional. Para uma mudança de percepção dessa imagem da infância construída pela Modernidade, precisamos repensar nossos fazeres cotidianos na relação com essas crianças. É preciso a promoção de um processo formativo e de resiliência profissional, com a garantia e o aporte necessário aos professores/as para a sua condição humana, social e de valorização da docência desde a creche.

Nesse sentido, destacamos que a pluralidade das infâncias constitui um eixo central para repensarmos as práticas pedagógicas e a própria concepção de educação. Reconhecer que não há uma infância única, homogênea e universal significa considerar que as crianças experienciam o mundo de formas distintas, atravessadas por condições sociais, culturais, ambientais e territoriais. Essa perspectiva rompe com a ideia naturalizada de "infância" como etapa homogeneizada, destacando que o modo de viver a infância depende das condições históricas, sociais, econômicas, políticas e espaciais em que cada criança está inserida. De acordo com Silva e Barbosa (2022), a percepção dessa pluralidade, longe de fragmentar, vem para enriquecer a compreensão da infância ao evidenciar diferentes saberes, práticas e culturas que emergem de contextos variados

Outro ponto interessante para a compreensão deste módulo, é o conceito de território, que não é apenas um espaço físico delimitado, mas, um lugar de pertencimento, marcado por memórias coletivas, relações de poder, práticas culturais e formas diversas de habitar o mundo. Para as crianças, o território se apresenta como espaço de vida, no qual experimentam vínculos afetivos, constroem redes de relações e produzem sentidos de identidade.

Logo, a tríade criança-território-pertencimento emerge como eixo estruturante para uma proposta de educação infantil ambiental comprometida com as realidades locais. Nessa perspectiva, o fazer pedagógico na Educação Infantil não pode se limitar ao espaço institucional físico isolado, mas posiciona-se como parte de uma rede relacional com o território, suas geografias, histórias, culturas e desafios. Essa articulação demanda que se reconheça tanto as semelhanças quanto as desigualdades existentes nas vivencias infantis. Conforme argumentam Silva e Barbosa (2022), para fazer sentido no contexto das infâncias do campo, das águas e das florestas, a educação infantil precisa aproximar-se de práticas que valorizem o pertencimento da criança e que promovam uma mediação dialógica entre saberes locais e conhecimentos universais.

Trabalhar com essa tríade implica compreender que a educação efetiva não é neutra, mas atravessada por escolhas epistemológicas e políticas: que saberes são legitimados? que vozes são ouvidas? que relações com o ambiente natural e social são cultivadas? Ao considerar o pertencimento como dimensão central, propõe-se que a criança se sinta parte simbólica e efetiva do seu território, reconhecendo vínculos coletivos, mobilizando assim, identidades e criatividades a partir de suas vivências.

Nas práticas cotidianas de criação, resistência e reinvenção, as culturas das infâncias não se expressam apenas em jogos, brincadeiras, narrativas e linguagens simbólicas, mas também nas formas como crianças se relacionam com o espaço, com o ambiente natural e social, e incorporam saberes locais. Esse olhar sobre infâncias implica assumir que as crianças são produtoras de cultura e sujeitos de direitos, capazes de participação ativa. Em contextos como o das infâncias quilombolas, por exemplo, é possível observar práticas culturais (dança, música, tradições) que expressam pertencimento e identidade, ao mesmo tempo em que se articula com as lutas por reconhecimento e justiça racial e territorial.

Nessa lógica, a atuação de professoras/res e educadoras/res ambientalistas adquire relevância estratégica. Ela exige, para além de conteúdos ecológicos ou de conservação, uma formação ética-política que articule educação, justiça ambiental e reconhecimento das desigualdades territoriais. A docência, portanto, deve incorporar dimensões como participação coletiva, inserção de saberes locais e territoriais, e desenvolver capacidades críticas na reflexão sobre suas próprias práticas.

Paralelamente, torna-se essencial cultivar resiliência profissional. A resiliência docente implica não apenas a capacidade de resistir às condições adversas, como desvalorização profissional, falta de suporte institucional, recursos escassos, dificuldades nas relações com as famílias, impactos das mudanças climáticas, mas de reinventar práticas, de construir redes de apoio dentro e fora da Educação Infantil, de manter compromisso com valores éticos de cuidado e sustentabilidade (Silva e Santos, 2024). Essa dimensão da resiliência conecta-se diretamente à criação de espaços educadores mais sustentáveis e saudáveis para aqueles que vivenciam o cotidiano.

Ao pensarmos nas/nos profissionais que atuam com bebês, essa relação torna-se ainda mais evidente. Mais do que infraestrutura física, o espaço precisa ser concebido como um ambiente vivo, em que a materialidade, a estética e as interações sociais favoreçam o bem-estar e o desenvolvimento integral. Espaços educadores sustentáveis para a primeira infância devem contemplar iluminação natural, uso de materiais seguros

e não tóxicos, organização flexível do mobiliário, estímulos sensoriais diversos e integração com elementos da natureza. Nesse sentido, a resiliência docente e a sustentabilidade do espaço não são dimensões separadas, mas complementares: ambas asseguram que a infância seja vivida com dignidade, pertencimento e cuidado, mesmo diante dos desafios cotidianos. Ao mesmo tempo, a noção de resiliência aplicada a esses espaços implica pensar em sua capacidade de adaptação e resposta diante de contextos de crise, sejam elas ambientais, sociais ou institucionais. Isso significa que os ambientes destinados a bebês devem prever não apenas conforto e cuidado imediato, mas também condições para acolher situações adversas, garantindo proteção, continuidade de vínculos, coexistência com os seres e elementos da natureza e segurança afetiva. Espaços resilientes favorecem a participação das famílias, estimulam a corresponsabilidade entre educadores e comunidade, e se constituem como territórios de cuidado compartilhado. Nesse processo, a sustentabilidade e a resiliência convergem para afirmar o direito das crianças pequenas a ambientes que promovam dignidade, saúde, equidade e oportunidades de pertencimento desde os primeiros anos de vida.

Por fim, a construção de espaços educadores sustentáveis e resilientes exige trabalho coletivo e mobilização entre diferentes atores: educadoras(es), crianças, famílias, comunidade, gestores e movimentos sociais. Tais espaços não são meramente verdes ou ambientalmente “bonitos”, mas envolvidos em práticas profundas que integram e valorizam diversidade, culturas locais, participação infantil, justiça social e cuidado com o ambiente. Espaços que promovem pertencimento, fortalecem vínculos comunitários, oportunizam às crianças a participação, e viabilizam ações educativas em diálogo com o território são propulsores de uma nova compreensão sobre si, o outro e o ambiente vivido. Aspectos que contribuem para uma educação infantil ambiental crítica, emancipadora e humanizadora.

Referências:

BESSA, Marily da Silva Brito; FEITOSA, Raphael Alves. Formação de professores atuantes como educadores ambientais: reflexões frente à vertente crítica. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 32, 2020. DOI: 10.20500/rce.v15i32.25585. Disponível em: https://doi.org/10.20500/rce.v15i32.25585.

SILVA, Ana Paula Soares da; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Educação Infantil das Crianças do Campo, das Águas e das Florestas: pertencimento, pluralidade e singularidade. **Retratos da Escola**, v. 17, n. 39, 2022. DOI: 10.22420/rde.v17i39.1910. Disponível em: https://doi.org/10.22420/rde.v17i39.1910.

SILVA, Roberta Souza da; SANTOS, David Moisés Barreto. Resiliência docente. **Educação em Questão,** v. 62, n. 74, 2024. DOI: 10.21680/1981-1802.2024v62n74ID38256. Disponível em: https://doi.org/10.21680/1981-1802.2024v62n74ID38256.
SOARES, Rita Silvana Santana dos; outros. Caminhos formativos para inserção da Educação Ambiental no currículo de formação de professores. **Revista Observatório**, UFT, v. 5, n. 1, 2019. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2019v5n1p134. Disponível em: https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n1p134.
WOLLMANN, Ediane Machado; SOARES, Félix Alexandre Antunes; ROSSI, Daniela Sastre; LIMA, Ana Paula Santos de. A formação de professores para a inserção da prática ambiental: um relato de experiência. **Educação Temática Digital**, v. 16, n. 3, 2014. DOI: 10.20396/etd.v16i3.1313. Disponível em: https://doi.org/10.20396/etd.v16i3.1313.

Registro Avaliativo

Registro constituído na vivência do Módulo 2:

A vida cotidiana na instituição de Educação Infantil, assim como em outros espaços educadores, envolve um conjunto de organizações que perpassam a compreensão do que é o trabalho pedagógico, a forma como se dá (ou não) a participação dos profissionais, estudantes e familiares, o currículo de formação das crianças, a formação continuada dos profissionais, etc.. Estes movimentos se fazem em uma instituição que na maioria das vezes possui suas paredes e muros físicos e também suas paredes regimentais, as quais demarcam suas possibilidades e limites. Além disso, o mundo inteiro e, consequentemente, nossos territórios e instituições hoje se encontram imersos nos impactos das mudanças climáticas ou mesmo, e mais intensamente, os efeitos diretos de desastres ambientais acelerados. Exatamente por isso que compreender a realidade da nossa vivência na escola e nos demais espaços educadores, dos problemas ambientais e dos impactos no nosso lugar mais imediato, são de extrema importância para que as mudanças necessárias para a sustentabilidade da vida na Terra para todos os seres possam acontecer, paralelamente, em escalas locais e globais. Sendo assim, exercitando o olhar investigativo desde o nosso território e a percepção alargada dos problemas ambientais que se mostram em nossa realidade, convidamos você a uma leitura e escrita crítica e reflexiva sobre os principais problemas ambientais que emergem no espaço educativo de sua atuação profissional docente. Como sugestão, destacamos a importância de registrar através da escrita o problema (ou problemas)

identificado (s) e o impacto (ou impactos) percebido(s) na realidade educativa institucional, sobretudo levando-se em conta as problemáticas que atingem e impactam mais diretamente às crianças e suas experiências de vida nos territórios, envolvendo inclusive outras questões que poderiam ser refletidas no cotidiano da instituição para uma experiência educadora ambiental. Este exercício será muito importante para pensarmos em como responder a pergunta que se lança agora: Como podemos promover territórios escolares e espaços educadores sustentáveis e resilientes no contexto da Educação Infantil? Sabemos que essa resposta é bastante complexa, mas essa é a pergunta base da vivência formativa do nosso curso e se faz horizonte para o caminho. Portanto, pensando na constituição desse movimento que visa à mudança e ao aprendizado de práticas sustentáveis, tencionamos a construção de um Plano de Ação na sua instituição educacional voltado à promoção do que vimos denominando de Educação Infantil Ambiental.

Para isso pedimos que o plano seja produzido por uma ou mais pessoas cursistas, e que o mesmo tenha desde o princípio a ideia de envolver as crianças ativamente em sua projeção e aplicação no(s) espaço(s) educador(es) referenciado(s). O mesmo deve conter a problemática ambiental, justificativa, objetivos, metodologia (roteiro de ações) e cronograma da ação.

Materiais complementares

Neste espaço indicaremos diversos materiais, como: livros, artigos, vídeos, podcasts, manuais, filmes, documentários e etc. Essa seleção de materiais visa auxiliar na compreensão sobre o módulo e propiciar suporte para a prática docente. Além disso, consideramos que os materiais complementares fortalecem a construção de um aprendizado significativo, respeitando o ritmo e as necessidades individuais de cada cursista.

Vídeos:
Caminhando com Tim Tim
https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI

A luz e a sombra no berçário
https://www.youtube.com/watch?v=QKgm65fBTYY

Vídeo: Conversa de passarinho (história com gestos)
https://www.youtube.com/watch?v=JcXsc47HYNY

Vídeo curto: o sagrado futuro ancestral
https://www.youtube.com/watch?v=Wm0TdgfqSac

Entrevista/Live:
Os bebês e os estudos da Sociologia
https://www.youtube.com/live/IG4bCB2-QcM

Podcast:
O que os saberes ancestrais ensinam às crianças?
https://lunetas.com.br/o-que-os-saberes-ancestrais-ensinam-as-criancas/

Leituras:
BERSCH, A.A.S., RIBEIRO, C.B. & FINOQUETO, L.C.P. (2025). **Quando a professora brinca, aprende a ensinar as crianças a brincar?** : Experiências em processos formativos. *Educar Em Revista*, e91617. https://doi.org/10.1590/1984-0411.91617

CHANAN, M. **Bebê brinca de quê?**. Blog Cultura Infantil. Disponível em: https://www.blogculturainfantil.com.br/post/beb%C3%AA-brinca-do-qu%C3%AA. Acesso em agosto de 2025.

SIMÃO, M.B., MEDEIROS, F. E., SILVA, A. M. & FILHO, J.J.S. **Corpo e Infância: natureza e cultura em confronto.** Educação em Revista: Belo Horizonte,v.26,n.03, p.151-168, dez. 2010.